

Educação Transdisciplinar: A importância da comunicação dialógica na vivência da arte de aprender.

Transdisciplinary education: The importance of dialogic communication in living the art of learning.

Tadeu Ferreira Passos

Mestre em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social. Pós-Graduado em Formação de Professores na Contemporaneidade. Professor UNJORGE-BA; FGV-RJ; SENAC-BA. Diretor de Relações Institucionais com as IES - ABRH -BA. Professional Coach e Life Coach; Terapeuta Transpessoal Sistêmico. Contato: tadeupassos@hotmail.com / (071) 99985-1055

RESUMO

Este artigo tem como objetivo central discutir a importância da comunicação dialógica na prática e vivência da arte de aprender. A comunicação dialógica pressupõe o autoconhecimento e se realiza de forma natural e espontânea na formação integral e inclusão do ser humano independente das suas variáveis e vertentes na prática do saber e aprender. O texto apresenta a função da comunicação dialógica na quebra de paradigmas da verdade única e soberana onde o ser humano não dialoga e apresenta a sua concepção de forma natural, social e democrática. O artigo tem cunho qualitativo e bibliográfico pautado através de pensamentos dos autores Paulo Freire (2011), Krishnamurti (1996) e Noemi Soares (2007), na qual foi constatado que a relação e o diálogo favorecem uma educação transdisciplinar e inclusiva que corrobora para o desenvolvimento integral dos seres humanos.

Palavras-Chave: Educação, Diálogo, Transdisciplinar.

ABSTRACT

This article aims to discuss the central importance of dialogic communication in practice and experience the art of learning. The dialogic communication requires self-knowledge and takes place naturally and spontaneously in the integral formation of the human being and inclusion of independent variables and their slopes in the practice of knowing and learning. The paper presents the role of dialogic communication in breaking paradigms of truth where the sole and sovereign human being does not dialogue and presents his conception of a natural, social and democratic. The article is a qualitative and bibliographic guided by thoughts of the authors Paulo Freire (2011), Krishnamurti (1996) and Naomi Smith (2007), in which it was found that the relationship and dialogue foster a transdisciplinary and inclusive education which supports development of beings full human.

Keywords: Education, Dialogue, Transdisciplinary.

1 INTRODUÇÃO

Estamos vivendo a era do conhecimento onde cada vez mais a tecnologia avança e toma proporções cada vez maiores de forma dominante e preponderante. Cresce a tecnologia e junto a ela as informações, os fatos e os acontecimentos, porém percebemos cada vez menos a presença do diálogo, da palavra e da compreensão.

O que ocorre atualmente é a transformação da comunicação que deixa de ser atrasada, engessada e passa a ser reconhecida e denominada como comunicação contemporânea, atual, avançada, tecnológica, seja através do rádio, da televisão ou da internet.

Para Krishnamurti (1996), o homem, o ser humano, fez de tudo para promover uma mudança radical em si mesmo; mas fundamentalmente, não conseguiu se modificar nem um pouco. Ainda somos o que éramos há dois milhões de anos! O animal que existe em nós é muito forte. O animal, com toda a sua cobiça, inveja, ambição, raiva e impiedade, ainda existe no profundo do nosso coração e da nossa mente. Por meio da cultura, da religião, da civilização, demos um polimento no exterior; somos mais bem-educados – talvez alguns de nós sejam mais bem-educados. Sabemos um pouco mais; tecnologicamente, fomos muito longe. Podemos discutir a filosofia e a literatura ocidentais e orientais; podemos viajar pelo mundo inteiro. Porém, no nosso íntimo, no mais profundo do nosso ser, há raízes firmemente fincadas.

A grande dificuldade e o problema principal estão em aproximar essa comunicação contemporânea do ser humano, proporcionar o contato e a inclusão sem sobrepor verdades e imposições, ou seja, inveja, raiva e competição sem proporcionar o diálogo.

Segundo Bohm (1996) , o diálogo, do modo como estamos escolhendo o uso da palavra, é uma maneira de explorar as raízes das muitas crises que a humanidade enfrenta hoje. Nesta perspectiva, a prática do diálogo possibilita a investigação e a compreensão de tipos de processos psicológicos que fragmentam e interferem na real comunicação entre indivíduos, nações e até entre diferentes partes de uma mesma organização. Em nossa cultura moderna, homens são aptos

a interagir uns com os outros de muitas formas: podem cantar, dançar ou brincar uns com os outros com pouca dificuldade, mas a sua habilidade de falar conjuntamente sobre assuntos que lhes importam profundamente parece, invariavelmente, levá-los à disputa, divisão e, frequentemente, violência. Ao nosso ver essa condição aponta a um profundo e penetrante defeito no processo do pensamento humano.

Da mesma forma que a tecnologia é interessante e importante, é extremamente e de fundamental importância também a questão do diálogo no propósito de socializar, compartilhar e compreender os diferentes saberes, sem excluir ou isolar o ser humano através de imposições e verdades não fundamentadas, independente do meio que é disseminada as informações ou o meio de comunicação. Para o autor a comunicação só exerce o seu papel quando existe o diálogo, a proximidade, o entendimento e o respeito pelo próximo. Essa não é uma tarefa fácil, mas deve ser um exercício diário que cada um deve abraçar e exercitar no autoconhecimento e na busca do desenvolvimento integral e inclusão do ser humano.

2. A arte do Diálogo

Para Freire (2011), como professor não devo poupar oportunidade para testemunhar aos alunos a segurança com que me comporto ao discutir um tema, ao analisar um fato, ao expor minha posição em face de uma decisão governamental. Minha segurança não repousa na falsa suposição de que sei tudo, de que sou o “maior”. Minha segurança se funda na convicção de que sei algo e de que ignoro algo a que se junta a certeza de que posso saber melhor o que já sei e conhecer o que ainda não sei. Minha segurança se alicerça no saber confirmado pela própria experiência de que, se minha inclusão, de que sou consciente, atesta, de um lado, minha ignorância, me abre, de outro, o caminho para conhecer.

A citação acima reflete a realidade de estar sempre atento às mudanças e assumir a ignorância como um “degrau” importante para o conhecimento. O Homem não sabe tudo e essa predisposição facilita o diálogo e amplia as discussões de forma dialógica e realista, como deve ser apresentada as percepções e opiniões do mundo contemporâneo.

Segundo o Prof. William Isaacs, autor do livro *Dialogue and the art of thinking together* (publicado em 1999), o diálogo põe em ação a nossa inteligência coletiva, fazendo-nos pensar para além dos limites individuais

De acordo com Freire (2011), o diálogo é fundamental no aprendizado, pois não há conhecimento sem a troca de experiência, sem a oportunidade de escutar o próximo e dar vez à sua participação e inclusão no grupo.

Essas situações ocorrem em grande frequência, seja com grupos de amigos, alunos ou em família. Geralmente esses grupos são formados, mas não há um propósito aparente, um objetivo comum. O que existe é uma fala única, sem trocas ou oportunidade de diálogo, o que ocorre nesses casos é a chamada comunicação, Gil

Uma pessoa (emissor) tem uma idéia (significado) que pretende comunicar. Para tanto se vale de seu mecanismo vocal (codificador), que expressa sua mensagem em palavras. Essa mensagem, veiculada pelo ar (canal) é interpretada pela pessoa a quem se comunica (receptor), após sua decifração por seu mecanismo auditivo (descodificador). O receptor, após constatar que entendeu a mensagem (compreensão), esclarece a fonte acerca de seu entendimento (regulamentação).

Pode-se, portanto, dizer que a comunicação só pode ser considerada eficaz quando a compreensão de receptor coincide como o significado pretendido pelo emissor, logo não existe a comunicação dialógica, a relação, o entendimento e a compreensão.

Esse ato é conceituado e exemplificado por Soares (2007) como comunicação não-dialógica: comunicação que não comunga, não dialoga, não possibilita o ser humano ativar, em sua existência, a vivência do auto-respeito/ auto-sintonia e do respeito ao outro.

O diálogo quando proporciona a capacidade de criar novos modelos mentais entre as pessoas pode ser caracterizado como um diálogo bem-sucedido. Assim, surgem novas ideias, a capacidade de conviver com as diferenças, as novas visões de mundo e o respeito aos questionamentos e diferenças de pensar e agir do ser humano, passando de um estágio rígido, inflexível, medo e arrogância para a indagação coletiva e liberta de paradigmas.

Para Soares (2007), ao contrário da comunicação não-dialógica, a comunicação dialógica se desenvolve no acontecimento de um encontro amorosamente humano, onde os indivíduos vivenciam um processo de relação em que cada um, no exercício da vivência simultânea do diálogo e da arte de aprender, assume o direito de, conscientemente, ver, olhar, ouvir, escutar e receber o outro, à medida que também, vê, ouve, escuta e recebe a si mesmo.

Segundo Bohm (1996), normalmente, as pessoas se reúnem com o propósito de realizar uma tarefa ou serem entretidas, ambos podendo ser definidos como propósito pré-determinados. Mas em sua verdadeira natureza, o diálogo não é consistente quando realizado com tais propósitos que vão além do interesse dos participantes em desdobrar e revelar mais profundos e coletivos sentidos que podem ser revelados. Esses podem em certas ocasiões ser entretenimento, iluminação, levar a novos insights ou dirigir-se a problemas existentes. Mas, surpreendentemente, em seus primeiros estágios, o diálogo levará a experiência da frustração.

Essa frustração só ocorrerá quando, de fato, não houver interesses e objetivos comuns, quando o ser humano compreender que o desenvolvimento só será possível a partir do compartilhamento, da convivência, da socialização e do entendimento de forma ética e democrática.

3 A arte de aprender

Um dos objetivos da educação transdisciplinar é a arte de aprender a aprender, de forma leve e processual, sem o acúmulo de conhecimento. Para Krishnamurti (1996) existe diferença entre o processo de aquisição-acúmulo de conhecimentos e a vivência da arte de aprender. Para ele a arte de aprender implica o processo de autoconhecer-se que cria a possibilidade da mente velha dialogar com o ser humano informando a sua existência.

A arte de aprender, deve também estar relacionada aos estímulos e afetividade. Estar próximo e mostrar-se atento e preocupado aos questionamentos, dificuldade e observar as metodologias de aprendizado pode fazer toda diferença nos resultados do ensino aprendizagem.

Para Rocha (2014) não é de hoje que se tem observado a necessidade do afeto nas ações educativas. Jean Piaget, Henri Wallon e Lev Vygotsky, famosos autores na área da educação, concederam à afetividade uma elevada relevância no processo pedagógico.

Ainda segundo Rocha (2014), ao se falar em afeto, a primeira impressão que se tem é que estamos tratando de carinho ou amor, no entanto o afeto nas relações de aprendizagem abrange uma gama maior de ações e/ou sentimentos.

Decididamente o amor no trato com qualquer ser facilita o acolhimento das informações, assim como a dedicação, o completo desprendimento dos

preconceitos e uma dose de fé qualificam o ensinar. É mágico o modo como uma mesma turma trata um ou outro profissional da educação com zelo ou desprezo, apenas devido a pequenas atitudes afetivas aplicadas. Partindo do princípio que aprendizado é uma construção coletiva, onde o indivíduo dá e recebe informações, a fim de perceber o mundo e identificar-se nele; é salutar e até natural concebermos que cada indivíduo irá buscar ambientes nos quais ele se sinta feliz, aceito e amado.

Um detalhe importante sugere Ferreira e Cruz, (2010), é que a cada novo estímulo, gera-se um novo conhecimento, se forma uma nova rede conectando-se às antigas, com infinitas possibilidades de formação de redes. Portanto com o aumento da complexidade do ser vivo exige-se funções mais especializadas dos neurônios e quanto mais se amplia a rede, mais relações se estabelecem e maior será a capacidade cognitiva. Para que se estabeleça uma adequada utilização de conexões, existe um sistema complexo de processamento que seleciona as redes importantes para cada ocasião, para possibilitar respostas rápidas a cada estímulo, seja verbal ou não verbal.

Para Krishnamurti (1996) o processo de aquisição acúmulo de conhecimento se distancia da arte do autoconhecimento, pois na verdade esse acúmulo impede o processo de conhecer o novo que está condicionada a informações antigas armazenadas na mente e que gera conflito no momento do processamento do aprendizado. A dimensão da mente que não sabe é vazia de conhecimentos. Essa mente é silenciosa e quieta porque não possui nenhum arquivo de memória, a dimensão dessa mente não conhece e nem sabe, logo essa mente foi denominada por Krishnamurti (1996) como Mente Nova Criadora.

O educador Krishnamurti (1996) conceitua a mente velha condicionada como sendo o “eu” psicológico, os medos, as frustrações, resíduos do passado e apego a bens materiais e emocionais. Esse conceito no remete à questão do diálogo apresentado anteriormente quando determinado grupo não dialoga e assim não alcança o objetivo comum. Isso acontece provavelmente por conta da mente velha condicionada de determinados integrantes do grupo que estão resistentes ou com o “eu” inflado, preso ao passado e, com isso toda a expectativa do grupo é transformada em frustração.

Ao contrário da mente nova criadora Krishnamurti (1996) afirma que nesse momento o ser humano está sem memória, vazio de conhecimento. É o momento quando está liberto do passado,

das amarras e dos paradigmas, sem resistência e apto a encarar o novo e construir um novo caminho, novas oportunidades e novos aprendizados.

Segundo Soares (2007) ao proporcionar condições para vivenciar, através da arte de aprender, o processo de reconhecimento e compreensão do funcionamento da mente velha condicionada, a educação transdisciplinar também pode ajudar o ser humano a experimentar o processo da ativação de algumas possibilidades da sua mente nova criadora.

Para Krishnamurti (1996) só a mente nova criadora é capaz de aprender. Ao contrário da mente velha condicionada, que não tem capacidade de viver a arte de aprender. Ficando presa a informações ultrapassadas e que não servem nem mesmo como referência para o novo aprendizado. O tradicional processo educativo que cultiva, legitima e enaltece a ativação da programação da *mente velha condicionada* no ser humano, cria possibilidade de esse ser humano se sentir analfabeto, no sentido de não conhecer, não ter acesso ou não compreender as novas informações criando assim reações psicológicas de sentimentos de medo, angustias, pensamentos negativos.

A mente nova criadora é livre, capaz de compreender e aceitar o desconhecido, o mistério de cada movimento, cada indagação. A vivência da arte de aprender ao ativar a mente criadora implica o processo do desenvolvimento humano compreendido como cuidado-cura da doença psicológica do ser humano.

Para Soares (2007) a arte de aprender implica o acontecimento de uma ação-movimento existencial que é processado a cada movimento-ação do presente. Já o processo de aquisição de conhecimento não participa do pulsar da presença criadora do agora, do presente ativo da existência do ser humano.

Isso acontece porque a aquisição de conhecimento também implica o processo de reunir, coletar, organizar o conjunto das informações construídas e adquiridas, que são assimiladas nas diferentes experiências vivenciadas pelo ser humano.

Observamos então que todo conhecimento é sempre conhecimento do passado, isso por que todo conhecimento passado foi resultado de experimento, observação, percepção, construção na vida vivida do ser humano. Durante suas pesquisas Krishnamurti (1996) verificou que o ser humano também utiliza o conhecimento como meio de cultivo, alimento e fortalecimento do eu psicológico,

pois ao ativar a mente velha condicionada o ser humano passa a utilizar o conhecimento como forma de exercer o poder sobre o outro.

Talvez esse poder seja reflexo da tradicional educação incorreta, que não cria possibilidade da vivência da arte de aprender, pois é direcionada para a negação-repressão-ignorância da vida interior psicológica do ser humano.

Através da arte de aprender o ser humano pode ativar uma potencialidade existencial, que lhe capacita apropriar-se da possibilidade de vivenciar o processo aquisitivo-acumulativo sem precisar ficar, psicologicamente, aprisionado às limitações do conhecimento, que, por exemplo, lhe impõem ser escravo.

De acordo com Soares (2007, p.239), esse aprisionamento se dá por conta: Da ânsia do poder sobre o outro; Da ilusão de se considerar superior a outro ser; Da busca da certeza e da segurança psicológica inexistente; Do aprisionamento do medo psicológico; Da fuga do aqui-agora da vida vivente; Da dependência psicológica às ilusões do desejo;

A vivência da arte de aprender proporciona ao ser humano possibilidades existenciais para que possa adquirir e usar os seus conhecimentos sem ter que submeter-se à condição de prisioneiro-vítima das diferentes modalidades psicológicas da ativação da programação da mente velha condicionada em sua existência.

Outro ponto importante a ser abordado é a distinção do processo ensinar/ser-ensinado que está condicionado ao presente ativo da vida vivente. Após o aprendizado acontece a experiência do conhecimento que estava armazenada na memória do ser humano.

O agir é que faz a vivência da arte de aprender. Em cada ação, a todo o momento estamos nos relacionando e aprender não está condicionado a um ato solitário. É preciso existir uma relação, uma troca de experiência. Para Krishnamura (1996), o ato de aprender é uma arte que também pode ser comparada com a arte de ver que também está condicionado ao saber ouvir. Para ouvir e ver, é necessário que haja atenção.

Fazendo ainda observações do entendimento de Krishnamurti (1996), na sua perspectiva, a arte de aprender está ligada também ao processo da observação ou da observação apaixonada, observação essa que é fixa e contínua onde o ser humano aprende a observar de forma integral e vive o aqui-agora. A vivência da observação pura acorda a mente apaixonada – mente nova criadora – do ser humano, que é apaixonada porque sempre está aprendendo.

Fazendo um paralelo da arte de aprender e a escola, percebo o quanto é importante o aprender na escola, mas para isso é importante que a escola seja o local onde o educando e o educador tenham a oportunidade de vivenciar o ócio que aqui não está relacionada a preguiça, do deixar de produzir, de fazer e sim referência à vivência da quietude da mente desocupada de passado, sem preocupação, tensão, expectativa.

Segundo Soares (2007), o objetivo da educação transdisciplinar, ao reconhecer cada pessoa como um ser que possui luz própria, é convidar cada estudante – a vivenciar o processo da arte de aprender ou da arte de autoconhecer-se. Nesta dimensão compreensiva, não há espaço para nenhum tipo de relação de hierarquia ou autoridade externa no acontecimento do encontro existencial-pedagógico entre o aluno e o professor.

O momento é de escuta, de reconhecimento e transformação. Cabe ao professor aproveitar, reinventar, transformar as várias falas, as observações e as experiências em novas experiências e assim proporcionar e vivenciar a arte de aprender a aprender.

Considerações Finais

Diante de tantos acontecimentos, surgimentos e inovações sejam de serviços, produtos ou da tecnologia são fundamentais para alimentar e transformar o mundo contemporâneo, capitalista e competitivo em que vivemos. Todos esses acontecimentos corroboram para o crescimento da sociedade, porém a partir de agora compreendemos a fundamental importância da comunicação dialógica na vivência da arte de aprender quando permite ao ser humano a oportunidade de perceber e vivenciar o aqui agora, o presente e ativar a mente criativa.

O princípio do autoconhecimento permite ao ser humano determinar seu próprio comportamento diante dessas mudanças e transformações. A comunicação dialógica nesse

momento desenvolve o seu principal papel de fazer o homem compreender, interagir e socializar-se de forma ética e democrática.

A educação transdisciplinar e a comunicação dialógica apresentam a oportunidade de uma educação integral do ser humano em sua totalidade no momento em que dialoga, compreende, socializa seus desejos, suas vontades e realidades.

Para Soares (2007), a transdisciplinaridade está ligada não somente a uma nova visão da relação do ser humano com o conhecimento (que legitima os diferentes níveis de realidade, a complexidade e a lógica do terceiro incluído), como também a uma nova visão da experiência vivida e vivente, sustentada pelo processo do autoconhecimento e pela busca do significado de vida.

A Educação transdisciplinar integra o mundo interno e o externo do ser humano, é um elo de ligação entre o conhecimento externo (experiências, trocas, vivências) e o conhecimento interno (a respiração, o espírito, a energia, os sonhos, os desejos...) com o objetivo de transformar o indivíduo em ser humano integral, na sua totalidade permitindo a integração de todas as dimensões, sem paradigmas, restrições ou rejeição, de forma plena, saudável e completa.

Referências Bibliográficas

BOHM, David; FACTOR, Donald; GARRETT, Peter. **Diálogo: uma proposta**. 1991. 10 p. Disponível em: http://www.david-bohm.net/dialogue/dialogue_proposal.html. Acesso em: 13 Mar. 16.

FERREIRA, Vicente José Assencio; CRUZ, Simone de Figueiredo. **Psicopedagogia- contribuições da Neurologia à Docência**. Apostila do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu à Distância – Parceria Portal Educação/Universidade Católica Dom Bosco. Mato Grosso do Sul/2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Administração de recursos humanos: um enfoque profissional**. São Paulo: Atlas, 1994.

ISAACS, William. **Dialogue and the art of thinking together**. New York: Currency/Doubleday 1999.

KRISNNAMURTI, Jiddu. **Sobre a aprendizagem e o Conhecimento**. São Paulo, Cultrix, 1996.

ROCHA; David Miranda. **O Afeto nas Ações Educativas**. Publicado em: Nov/2013. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/55389/o-afeto-nas-acoes-educativas> acesso em: 14/04/2016.

SOARES, Noemi Salgado. **Educação transdisciplinar e a arte de aprender: a pedagogia do autoconhecimento para o desenvolvimento humano**. 2ª ed. Salvador: EDUFBA. 2007.